

MULHER MARAVILHA E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Marília Alves de O. Magalhães – UFG

Andressa dos Santos Xavier - UFG

Luciana Borges - UFG

Resumo: As Histórias em Quadrinhos (HQs) se caracterizam pelas múltiplas possibilidades de análise, pois, a partir das palavras e das imagens, podemos vislumbrar como se constituem as representações sociais. Pelos traços, formas e termos se materializa a conjuntura da sociedade, de modo que as diferenças instituídas no seio social têm o seu reflexo na linguagem quadrinística. As HQs se tornam espaço de problematização das desigualdades existentes entre o gênero tido como dominador (homem) e o gênero dominado (mulher), sendo igualmente possível se questionar a diferença de representação entre heróis e heroínas no universo dos quadrinhos, as ações e funções dessas personagens atreladas à sociedade falocêntrica. Assim, partindo das representações díspares entre os gêneros nas HQs, apresentamos uma discussão alicerçada em Silva (2000), Beauvoir (1970), Louro (1997) e Wolf (1992). Objetivamos analisar como os corpos femininos são retratados e as possibilidades de desestruturação das representações misóginas, pois é por meio dos apontamentos sobre as formas de se pensar os corpos, que podemos construir uma argumentação que rompa com os padrões de uma sociedade que retrata personagens femininas, como a Mulher Maravilha e tantas outras, de maneira sexista.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Corpo feminino; Sexualidade.

Abstract: Comics are characterized by multiple possibilities for analysis, because from words and images, we can see how social representations are constituted. Through the lines, shapes and words the society's conjuncture materializes; the differences established in the social bosom are reflected in the cartoon language, and, for this reason, the comic books become a space for problematizing the existing inequalities between the gender considered to be dominant (male) and the dominated gender (female). It is possible to question the difference in representation between heroes and heroines in the universe of comics, the actions and functions of these characters linked to phallogocentric society. Thus, starting from the disparate representations between the genres in the comics, we present a discussion based on Silva (2000), Beauvoir (1970), Louro (1997) and Wolf (1992). We aim to analyze how female bodies are portrayed and the possibilities of disorganizing misogynistic representations, as it is through notes and ways of thinking about bodies that we can build an argument that breaks with the standards of a macho and unequal society, which portrays the female character in a sexist way.

Keywords: Comic books; Feminine body; Sexuality.

Introdução

As imagens têm um papel fundamental na história da comunicação humana, visto que desde a pré-história os seres humanos as usam como uma das formas de expressão e registro de si. Com todo o processo evolutivo pelo qual passou a humanidade, a aliança entre imagens e signos verbais foi fundamental para garantir a comunicação efetiva e suas diversas possibilidades de realização. A combinação de elementos imagéticos e palavras é também responsável pelo surgimento de modalidades específicas de artes gráficas.

Desse modo, um dos gêneros textuais mais reconhecidos por combinar o uso de imagens e palavras são as HQs, que surgiram a partir da publicação de *The Yellow Kid*, em 1895 nos Estados Unidos, indicada como sendo a primeira tirinha publicada em jornal. A partir dessa publicação, as HQs se tornariam um sucesso mundial, alcançando praticamente todas as camadas sociais e configurando-se como uma possibilidade de leitura bastante democrática. Embora os quadrinhos possam ser considerados em certos contextos como cultura de massa e produção mercadológica ou como mera fonte de entretenimento para a população, sobretudo para os mais jovens, é possível interpretar o potencial deste gênero de maneira mais aprofundada.

A partir das HQs podemos refletir sobre a conjuntura social por meio da linguagem verbal e não verbal, possibilitando análises em diferentes perspectivas. É possível igualmente empreender comparações entre elementos ficcionais e factuais, elucidando as oposições, as desigualdades e problemas presentes na sociedade. Uma das possibilidades que os quadrinhos oferecem aos seus leitores é a de se atentarem, através dos elementos de sua narrativa e da diversidade de interpretação, para a existência das relações heterogêneas entre os gêneros masculino e feminino, presentes em nosso meio social e nas representações quadrinísticas, ou seja, podemos observar as formas de representação de homens e mulheres, tanto em relação à posição social, quanto em relação à diferença como os corpos são objetificados ou não.

O reforço do patriarcado (aqui compreendido como um conjunto de estruturas mentais que circulam socialmente, como veremos a seguir) nos quadrinhos pode acontecer pelas relações estreitas entre arte e realidade, pois as HQs representam valores sociais, isso quer dizer a concepção social dada para os homens e para as mulheres têm reflexo em diversas manifestações artísticas, seja no cinema, na literatura e também nos quadrinhos. Com isso, percebemos a manutenção de uma duplicidade, pois ao mesmo

tempo em que a realidade se faz presente na arte, a arte, na figura das HQs, reforça aspectos culturais que precisam ser desestruturados.

As problematizações e as análises se situam justamente na forma como se dão as representações dos corpos femininos e masculinos, pois as diferenças são evidentes: as desigualdades se manifestam a partir dos traços, das formas e dos discursos proferidos. Conforme nos propomos a analisar, os corpos femininos por vezes são colocados como corpos de contemplação aos olhares masculinos, são objetificados, hipersexualizados. As mulheres, em várias HQs, são tomadas como símbolo sexual, exaltando-se apenas os seus atributos físicos em detrimento de suas capacidades intelectuais. Predomina uma personalidade fragilizada, que busca sempre a referência e a proteção masculina, mesmo quando a personagem feminina é alçada como protagonista; já o homem é representado como forte, dotado de poder, capaz de proteger a mulher “em perigo”.

Portanto, é devido às relações díspares entre os gêneros feminino e masculino que consideramos necessário elucidar como as diferenças são estabelecidas socialmente, além disso, tornamos oportuno considerar como o patriarcado se faz presente na representação das personagens, tais como Mary Jane, She-Ra e Mulher Maravilha.

1. Identidade e diferença nos quadrinhos

As representações construídas em torno dos gêneros feminino e masculino são alicerçadas na coletividade, assim como o são em outros contextos humanos. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 17) “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à experiência e àquilo que somos [...], a representação é compreendida como processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas.” Por meio das representações é possível perceber como são culturalmente distribuídos os papéis sociais, principalmente no que tange os corpos femininos e masculinos. Ademais, vale ressaltar, ainda, que a construção das identidades que formam as representações é baseada em diferenças, isto é, não podemos pensar em identidade sem mencionar seu componente basilar: a diferença.

Para Tomaz Tadeu da Silva, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas

ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p. 52)

Assim, percebemos que é também através da linguagem que as identidades e as diferenças são impostas para os sujeitos, porquanto, são demarcadas por redes de poder, em que o “eu” e o “outro” não se constituem na homogeneidade, pois há classificações, marcas de relações de poder: incluir/excluir; demarcar fronteiras; classificar; normalizar/normatizar. A afirmação da identidade e a marcação da diferença, implicam sempre, as operações de incluir e excluir” (SILVA, 2000, p. 83).

É nesse processo de inclusão e exclusão que se instaura as representações da identidade feminina e masculina, pois se estabelece uma normatização dos corpos, ou seja, são construídos padrões ideais, contudo, em tais padrões um corpo se mantém superior ao outro.

Percebemos que a partir dos gêneros há um processo de exclusão e inclusão, em que geralmente o corpo feminino é demarcado como um corpo dominado, pois “a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado”. (LOURO, 1997, p. 33). Essa oposição é marcada por desigualdades, em que a mulher é vilipendiada, determinada como incapaz de tomar decisões e ter suas próprias aspirações pois está sempre à sombra do sistema patriarcal que entende que deve determinar até as coisas mais banais sobre a vida das mulheres.

A pensadora Simone de Beauvoir (1970, p.11) explica que “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”, e a falta de autonomia imposta às mulheres tem reflexos em inúmeros espelhos, pois sabemos que ao longo da história, a mulher foi alvo de silenciamento, condenações e por vezes foram vítimas das imposições masculinas, seja nas relações domésticas, nas relações de trabalho ou nas relações sexuais, em que as mulheres ficam à mercê das expectativas e imposições masculinas.

No entanto, o processo de submissão feminina não diz respeito apenas à sua reclusão, diz respeito também ao modo como seu corpo é colocado para atender os

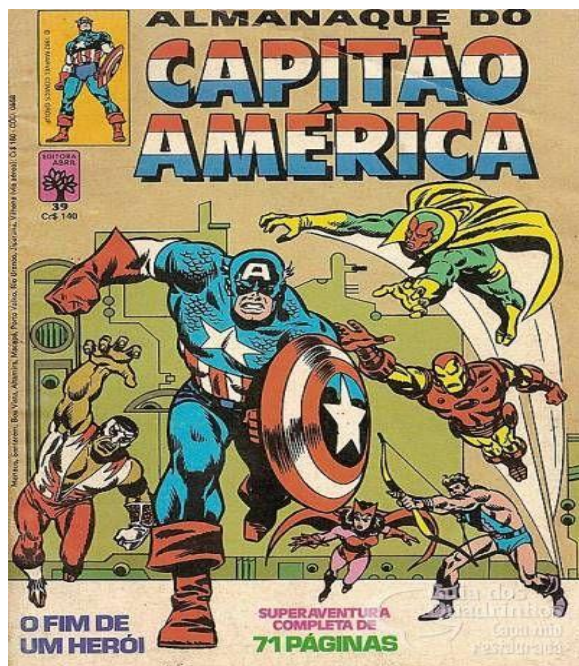
desejos do “seu senhor”. No universo dos quadrinhos essa premissa pode ser muito bem exemplificada quando tomamos como exemplo as HQs de super-heróis, em que as mulheres aparecem representadas de modo a atender aos anseios fetichistas de produtores, roteiristas e leitores, formado por um grupo majoritariamente masculino, como podemos observar na figura abaixo.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/561401909777364783/>

A personagem Mulher Maravilha, criada por Willian Moulton Marston, ilustrada na imagem acima, está trajando roupas curtas, o corpo está em uma posição chamativa, além disso, notamos que está dentro dos padrões de beleza: seios fartos, cintura fina, cabelos longos. Todos esses aspectos são utilizados com o intuito de atrair os olhares masculinos.

As relações de poder são visíveis a partir de uma imagem, pois de acordo com Woolf (1992, p. 15) “ao atribuir valor às mulheres de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram”. Ademais, a personagem está sendo mostrada de uma forma passiva, com o objetivo de servir como um corpo para deleite, diferente do que acontece com os personagens do gênero masculino. Vejamos:



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/810225789185903068/>

Observamos nessa segunda imagem uma representação diferente da anterior, pois temos como personagem de destaque, o Capitão América, criado por Joe Simon. Notamos que ele ocupa uma posição de movimento, ele está à frente dos demais, inclusive a personagem que está por último é uma mulher. A figura supracitada corrobora com a visão machista presente em muitas HQs, em que “o papel da mulher era somente ser vítima das maquinações dos vilões, ou tinham um papel secundário, auxiliando um super-herói masculino. É o retrato da sociedade machista, mulheres subjugadas ao domínio masculino” (BRAGA; SILVA, 2015, p. 137). Para mais, o corpo do Capitão América não foi colocado para apreciação como foi posto o da Mulher Maravilha. Ele é cheio de músculos, mas com a intenção de exaltar a força, a capacidade física.

Assim sendo, os quadrinhos podem ser entendidos como um veículo de representação do real, inclusive por evidenciar através das diferenças de composição de seus personagens, como a representação dos gêneros feminino e masculino se dão em nossa sociedade.

2. Quadrinhos e a cultura patriarcal

As HQs como conhecemos hoje começaram a se popularizar no século XX, por meio da indústria jornalística, mas sua origem pode ser remetida aos primórdios da civilização com as pinturas rupestres, que eram uma forma de expressar suas percepções sobre o mundo. Segundo a pesquisadora Glayci Kelli Reis da Silva Xavier, as HQs modernas surgiram com o propósito de atrair leitores semialfabetizados e o público que buscava entretenimento:

No final do século XIX, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os “mais poderosos proprietários de cadeias de jornais nos Estados Unidos”, na disputa pela conquista de um público maior, criaram suplementos dominicais com o intuito de atraírem os semialfabetizados e os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês; grande parte deste material era formada por narrativas figuradas, no estilo europeu. Os quadrinhos ganharam então, autonomia, criando uma expressão própria; os comics – como eram chamados inicialmente por serem quadrinhos de humor – alavancaram a venda de jornais. (XAVIER, 2019, p. 3-4)

Partindo da intenção original da criação das HQs, hoje podemos afirmar que os quadrinhos fazem parte do nosso cotidiano, pois “estão em todos os lugares, em cada banca de esquina até nas escolas e universidades, se tornaram objeto de pesquisa, artigos, livros, teses, até congressos discutem o fenômeno chamado quadrinhos” (NUNES, 2002, p. 14). Os quadrinhos chamam atenção pelas suas características, pois além dos elementos verbais, apresentam elementos visuais, apresentando uma série de características que se tornaram uma constante na composição destas obras, como salienta a pesquisadora Maria Beatriz Rahde (1995, p. 105-106) “de fato, a atual forma das histórias em quadrinhos que tiveram sua origem em jornais americanos do século passado, passou a ter um personagem constante, a sequência narrativa das imagens e o balão com o texto/ diálogo.”

Contudo, além de tais aspectos, as HQs são alvos de estudo por serem fontes de representações sociais, assim como evidência Lien Ribeiro Borges

Os quadrinhos são, inegavelmente, um poderoso veículo de comunicação, capaz de atingir com eficácia muitos consumidores dos mais diversos setores sociais e, portanto, capazes de divulgar valores e questões culturais [...]. Os quadrinhos podem ser percebidos como um produto artístico possível tanto de promover comunicação em um

nível estético, quanto de sugerir questionamentos dentro de uma realidade social. (BORGES, 2001, p. 6).

Outro aspecto que deve ser considerado é o perfil dos leitores de HQ para entendermos o modo como muitas personagens são retratadas nas histórias e o modo como a visão machista e sexual direciona os escritores de quadrinhos. Com base nos dados publicados no site Mundo HQ, vemos que 85,1% dos leitores de histórias em quadrinhos são formados pelo público masculino, com idades entre 14 e 17 anos, já que 52, 5% estão no ensino médio e 40% dos leitores gostam das histórias do Homem-Aranha e do Batman.

Nessas duas histórias especificamente, as personagens femininas mais retratadas são Mary-Jane Watson e a Mulher Maravilha, a primeira retratada como a namorada do grande herói e a segunda retratada à sombra de um homem mais forte que poderá salvá-la sempre que necessário.

Tal fato é bastante curioso, visto que parece que o papel da mulher na história é somente reforçar os ideais de força e coragem dos heróis e ressaltar a característica que as histórias fazem questão de destacar: a vulnerabilidade feminina. A pesquisadora Jéssica Daminelli Eugênio (2017), traça um panorama sobre a representação inverossímil das personagens em HQs.

O que se observa nas histórias em quadrinhos clássicas de super-heróis, cujo mercado é provavelmente o mais expressivo em termos de volume de criação, produção, distribuição e consumo, é que o estereótipo não se limita à representação do corpo feminino. Além das curvas anatomicamente impossíveis e das roupas sensuais descontextualizadas, existem elementos da personalidade que sempre se repetem, como a incapacidade de defender a si mesmas e de solucionar problemas por conta própria, mesmo quando são super-heroínas. Mary Jane aparece quase sempre ou sendo sequestrada ou sendo salva pelo Homem-Aranha. (EUGÊNIO, 2017, p. 45).

Para além de sua estrutura composicional, ao considerarmos os aspectos culturais aos quais os quadrinhos estão inseridos, percebemos que as HQs podem reproduzir padrões de uma sociedade patriarcal, mas para compreender tal fato é preciso observar quem cria a história e a que público ela se destina, e a partir dessas considerações a tendência é que nos deparemos com histórias repletas de personagens

femininas representadas como inferiores, submissas e extremamente sexualizadas, fazendo com que mesmo nos quadrinhos em que super-heroínas teoricamente são as protagonistas, acabem ocupando um espaço de coadjuvante, pois, como aponta Braga e Silva (2015, p. 153) “as HQs é um mundo da supremacia masculina, o papel da mulher era de submissa aos homens, sempre como um papel de mocinhas nas histórias ou como auxiliar do super-herói”.

Um caso digno de nota diz respeito a personagem She-Ra, que sempre foi representada nos quadrinhos e nos desenhos animados como uma jovem loira, com seios fartos e roupas demasiadamente curtas e justas. Contudo, na versão mais recente de seu desenho para televisão, o decote exagerado da protagonista deu lugar a um colete fechado e shorts embaixo de sua saia. Entre as justificativas para tais mudanças, a principal está em valorizar a força e a coragem das mulheres e não os seus atributos físicos. E, embora estejamos falando sobre as representações de personagens femininas nos quadrinhos, percebemos uma tentativa revisionista na representação de uma personagem que tem a sua origem nas HQs, mas ainda assim, é possível identificar uma forte tendência sexista nesse meio, justamente por haver diferenciações a partir do gênero.

No entanto, é importante ressaltar que essa tentativa revisionista a partir da representação das mulheres também vem conquistando espaço no universo das HQs, visto que a participação das mulheres na produção dos quadrinhos tem direcionado não só a forma como as histórias são contadas, mas também como as personagens femininas são retratadas, criando uma relação com os corpos destas personagens.

Ainda que este seja um caminho muito tortuoso e em desenvolvimento, as mulheres que integram o universo das HQs como produtoras ainda sofrem com as barreiras impostas por um mercado fortemente dominado pelos homens, mas vem conquistando cada vez mais espaço e ganhando cada vez mais autonomia para produzir quadrinhos através de uma ótica bem menos sexista, conforme aponta a estudiosa Jaqueline Cunha.

Muitas das representações, fossem elas produzidas por mulheres ou por homens, tendiam a seguir a dinâmica delineada pela sociedade patriarcal-machista [...]. No entanto, é inegável o fato de que a presença feminina no processo de produção de histórias

em quadrinhos foi um dos fatores que, além de possibilitar maior envolvimento de mulheres em atividades que não estavam relacionadas aos afazeres domésticos, ajudou a preparar o terreno para a inserção de outras mulheres quadrinistas que vieram a subverter a representação feminina nos quadrinhos. (CUNHA, 2016, p. 74).

Percebemos então que a partir destas mudanças sociais e com a inserção da mulher em diversas esferas, inclusive na produção de HQs, há uma mudança em curso na maneira como as personagens são tratadas, se não nas grandes indústrias, pelo menos em quadrinhos que buscam uma nova perspectiva, com personagens que deixam o lugar do fetiche e da hiper sexualização dos corpos, pois como afirmam Jéssica Bernardi e Aline Lemos na obra *Representação feminina e quadrinhos brasileiros* (2016, p. 6), “a questão da objetificação do corpo feminino nos quadrinhos é uma das que mais incomodam as mulheres que atuam no setor em todas as partes do mundo”.

3. Sobre a representação de super-heroínas: o caso da Mulher Maravilha

As histórias em quadrinhos fazem parte da infância e da adolescência de muitos leitores e leitoras, que veem nesse formato a excitante combinação entre histórias atraentes e rápidas e imagens que conferem grande dinamicidade à leitura. E, apesar de os leitores procurarem nos quadrinhos os super-heróis como ponto de referência, histórias com personagens femininas foram aos poucos conquistando espaço. Assim, é necessário pontuarmos como se deu a inserção das mulheres no universo das histórias em quadrinhos, para entendermos o caráter utilitário de sua inserção nesse universo majoritariamente masculino.

As primeiras personagens femininas em HQs surgiram no ano de 1940, no contexto de guerra, visto que muitas mulheres foram chamadas para colaborarem e se sacrificarem em nome da paz mundial. A mulher era considerada mão de obra reserva, substituindo os homens enquanto eles lutavam na guerra. Deste modo, o modelo da dona de casa e mãe de família sofreu uma mudança radical e para motivar a força de trabalho feminina surgiram as primeiras super-heroínas, como aponta a pesquisadora Natania Aparecida da Silva Nogueira.

Nos comics, tivemos uma série de personagens em aventuras que retratavam o dia a dia dos combatentes na II Guerra Mundial. Às da aviação, marine, soldado

entrancheirado e espião, todos estavam representados nos quadrinhos em seus atos de heroísmo.

Mas, as combatentes também tiveram sua chance de mostrar do que eram capazes. Nos quadrinhos da década de 1940, elas estavam lá, pilotando aviões, arriscando-se no front para salvar vidas, auxiliando como enfermeiras ou secretárias. Secretamente, mantinham uma vida dupla, ora agindo como combates de crime, ora lutando contraespiões, como heroínas mascaradas. O ano de 1941 pode ser considerado como marco para o surgimento das heroínas de guerra e das heroínas patrióticas, que vestiam a bandeira de seu país e enfrentavam diversos perigos. A princípio, mulheres comuns, com habilidades de luta que as deixavam em pé de igualdade com os homens e, na maioria dos casos, até melhores do que eles. Eram inteligentes e bonitas. (NOGUEIRA, 2014, p. 739-740).

Dessa forma, percebemos que a inserção das mulheres nos quadrinhos tinha uma função, servindo como uma inspiração para o momento em que se viam sozinhas e assumindo os postos antes ocupados por homens.

É neste cenário que surgem as primeiras histórias da Mulher Maravilha, criada em 1941, e que retrata a saga da jovem amazona, nascida na ilha de Temiscira, habitada somente por mulheres. Sendo forjada do barro pela sua mãe, a rainha Hipólita, Diana foi treinada para ser uma guerreira boa e justa, conforme pontua Cunha (2016, p. 115) “a Mulher Maravilha não se torna Mulher Maravilha, mas já nasceu como tal. Suas vestimentas de guerra, os hábitos, conhecimento de mundo e outros elementos são típicos da raça guerreira das amazonas”.

Mesmo com uma história tão imponente, o reconhecimento e valorização de sua personagem demorou mais em relação a outras HQs como Super-Homem e Batman, lançados no mesmo período que a história da amazona, conforme aponta a pesquisadora Beatriz da Costa Pan Chacon:

Um dado inicial: enquanto Super-Homem e Batman, quando publicados pela Ebal, de propriedade de Adolfo Aizen, apareciam em três revistas cada um; isto é, três revistas com seus nomes nelas, além de revistas especiais anuais e edições extras. Uma mensal, uma bimestral e uma edição a cores [...] Mulher-Maravilha só teve uma revista com seu nome, entre 1977 e 1983. E esta revista, possuía cerca da metade das

dimensões das revistas dos heróis e era dividida com outros personagens. Dezesesseis páginas para uma história sua. Alguns números foram divididos com histórias da Turma Titã (uma versão juvenil da Liga da Justiça), outros com Gládio, outros com Adam Strange (acompanhado por Mulher-Gavião e Gavião Negro) e, ainda alguns números com A Caçadora e em um dos números, A Caçadora e A Poderosa. Ocasionalmente, fazia-se o lançamento de uma edição especial. (CHACON, 2019, p. 2).

Desta forma, podemos observar os primeiros indícios de como a personagem seria subjugada, pois até na distribuição de sua história os super-heróis eram alçados a uma posição de superioridade. A partir disso, outra maneira encontrada para a supervalorização dos super-heróis em detrimento da super-heroína estava no modo como seu corpo e suas vestimentas eram apresentadas. Os heróis Batman e Super-Homem tinham seus atributos físicos destacados para reforçar a ideia de homem protetor, disposto a lutar contra qualquer mal, reforçando os ideais de masculinidade e virilidade.

Já a Mulher-Maravilha, mesmo sendo uma heroína e com poderes tão eficazes quanto o dos super-heróis, tinha o seu corpo representado de maneira sensual, de modo a destacar seus atributos físicos, mas com uma intenção diferente. Realçar os seios e evidenciar pernas torneadas reforçava os ideais de feminilidade, perpetuando uma cultura patriarcal machista que busca evidenciar a beleza e não os atos de coragem e justiça em uma mulher, conforme aponta Artur Brasiliense de Souza.

Com o passar do tempo da publicação de suas histórias, das animações e dos jogos em que fez aparições o uniforme e o corpo da personagem foram sendo cada vez mais sexualizados, e perdendo a ideia que representava. As roupas passaram a ficar mais coladas ao corpo, a saia foi substituída por um short e o volume do corpo da personagem foi mais sensualizado. [...] Uma personagem que representava um símbolo de força e justiça, passou a ser acusada de disseminar ideais machistas, por idear a mulher como um objeto sexual. (SOUZA, 2017, p. 10-11).

Assim, por mais que fosse o corpo da Mulher Maravilha representado nas HQs, tal representação não objetivava beneficiar a própria personagem, mas sim, visava atender aos olhares e apelos masculinos, que encontram nos trajes e nos corpos

descobertos uma fonte de entretenimento para a sua própria sexualidade, apresentando as mulheres como meros objetos de desejo masculino, conforme afirma Laura Mulvey.

Num mundo governado por um desequilíbrio sexual, o prazer no olhar foi dividido entre ativo/masculino e passivo/feminino. O olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina, estilizada de acordo com essa fantasia. Em seu papel tradicional exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, tendo sua aparência codificada no sentido de emitir um impacto erótico e visual de forma a que se possa dizer que conota a sua condição de “para-ser-olhada”. A mulher mostrada como objeto sexual é o leitmotiv do espetáculo erótico: de garotas de calendário até o strip-tease, de Ziegfeld, até Busby Berkeley, ela sustenta o olhar, representa e significa o desejo masculino. (MULVEY, 1983, p. 444)

Podemos entender então que a constituição da personagem das HQs Mulher Maravilha, foi pensada a princípio para servir como uma imagem de força e esperança para as mulheres, dando a elas, por meio das histórias de uma mulher capaz de superar a todas as adversidades, o estímulo necessário para se manterem firmes, considerando principalmente o contexto de guerra.

Ainda assim, devemos nos atentar que a criação, a história e toda a representação da super-heroína foram pensadas numa ótica masculina e patriarcal, que procurava evidenciar a personagem a partir de elementos que sexualizavam o seu corpo e comportamento, colocando em segundo plano a força e a coragem da personagem. Quando nos referimos ao patriarcado, compreendemos este como um sistema de estruturas mentais que regem as relações entre homens e mulheres e que, apesar de não existir de fato como sistema político como em épocas passadas da humanidade, ainda reverbera no controle dos homens sobre as mulheres e na forma com as mulheres são apropriadas, material e simbolicamente, pelo masculino. Para Heleieth Saffioti (2011), o fato de não existir mais um patriarcado como em outros tempos, não anula sua existência de forma reconfigurada:

Em geral, pensa-se ter havido primazia masculina no passado remoto, o que significa, e isto é verbalizado oralmente e por escrito, que as desigualdades atuais entre homens e mulheres são resquícios de um patriarcado não mais existente ou em seus últimos estertores. De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado

está em permanente transformação (SAFFIOTI, 2011, p. 45).

E, por mais que atualmente a indústria dos quadrinhos venha passando por um processo de revisão de sua postura misógina, este ainda é um longo caminho a ser percorrido, principalmente por editoras que já estão consolidadas no mercado editorial e tem um público fiel. Representações sexualizadas do corpo feminino são, portanto, parte do mesmo modo corriqueiro de se reduzir as mulheres a funções acessórias, reprodutivas e de ornamentação na sociedade demarcada pelas investidas do gênero.

O gênero, como sistema de diferenciação cultural entre homens e mulheres pode, portanto, ser o fator principal de hierarquias a partir do momento em que se pauta em repetições e estilizações repetidas do corpo que, mesmo não sendo naturais, são naturalizadas como sendo e funcionam “no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 59). Escritoras e escritores de HQ que atuam de maneira independente e são ligados a causa feminista buscam trazer outro olhar para a sua obra, propondo novas perspectivas para as mulheres e seus corpos, e constituindo histórias que contemplem a diversidade, histórias que busquem justamente a quebra dessa repetição.

A HQ de autoria feminina, aliada aos movimentos feministas, exemplifica muito bem a tentativa de romper os padrões sexistas, antes tão reforçados. De acordo com Machado e Marino (2019, p. 13) “a partir dos anos 1960, durante a segunda onda do movimento feminista, quando muitas sociedades começaram a refletir sobre algumas concepções machistas, surgiram novos espaços para as mulheres, que passaram a publicar HQs que representem questões sociais”. Desse modo, notamos que as representações não permaneceram estáticas, houve mudanças na sociedade e também nas formas de representar os corpos. Assim, a produção de quadrinhos direcionada à desestruturação do sistema opressor (patriarcado), é uma forma de manifestar por meio de imagens e palavras o desejo de ter um meio social onde as distâncias entre os gêneros sejam mais amenas.

Considerações finais

Os quadrinhos são manifestações artísticas ricas em sentido, podendo ser analisados nas mais diferentes perspectivas (desenhos, traços, formas), ademais, além

dos aspectos estéticos, podemos percebê-los a partir de uma ótica voltada para as questões sociais, pois é inevitável não pensar as HQs como difusoras de valores que estão impregnados na própria estrutura da sociedade. Contudo, tais “valores”, nem sempre são tidos como positivos, e as HQs acabam por transmitir conceitos que precisam ser repensados, como é o caso da representação feminina. As HQs, por diversas vezes, demonstraram a imagem de uma mulher de acordo com os modelos patriarcais, reforçando ainda mais estereótipos machistas e misóginos, que colocam a mulher como um mero objeto para contemplação.

Considerando ainda o momento histórico da inserção de personagens femininas no universo das histórias em quadrinhos, compreendemos que trazer as mulheres para este espaço funcionava como uma espécie de incentivo para que elas encarassem os esforços que faziam naquele momento como um ato de heroísmo.

Entretanto, com a carga de heroísmo vieram também os ideais de feminilidade e imposições patriarcais, que direcionavam o modo como as mulheres deveriam se portar, fetichizando-as por meio de suas roupas, fazendo com que sua força e coragem aparecesse sempre como coadjuvante da situação.

No caso da personagem Mulher Maravilha, sua trajetória nas HQs foi marcada por ambiguidades, pois apesar de ser uma personagem forte, justa e que lutava pelas causas do bem, foram os seus atributos físicos que ganharam destaque, com uniformes que realçavam a voluptuosidade de seu corpo. Isso se deve a uma indústria fortemente dominada por homens, que, ainda que inconscientemente, perpetuam padrões machistas.

No entanto, como em toda regra há exceções, não podia ser diferente nos quadrinhos, pois apesar de haver tal representação, houve também rupturas a esse padrão, uma vez que surgiram quadrinistas tentando estabelecer novos horizontes, criando personagens femininas fortes, empoderadas, contribuindo assim, para o rompimento das distinções a partir dos gêneros.

Portanto, queremos reforçar que as mudanças sociais constituem e são constituídas pelas representações, ou seja, ao mesmo tempo em que expressam uma determinada realidade, também contribuem para sua modificação, caso alterem os padrões mentais no uso de imagens e simbologias. Assim, se a mulher que aparece nos quadrinhos passa a ser evidenciada de forma positiva, e não apenas preenche um desejo masculino de beleza e sensualidade, isso pode expressar o desejo de construção de uma

sociedade mais igualitária, na qual as mulheres tenham mais autonomia e performance identitária um pouco mais descolada das rígidas investidas de gênero. Ao se buscar um espaço de equidade entre os gêneros, devemos fazer com que essa busca esteja sempre sendo explicitada, inclusive nos quadrinhos e suas personagens que encarnam heroínas.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, Amaro Xavier; SILVA, Valéria Fernandes. Representações do feminino nas histórias em quadrinhos. Maceió: EDUFAL, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BERNARDI, Jéssica. LEMOS, Aline. Representação feminina e quadrinhos brasileiros. Porto Alegre, 2016.
- BORGES, Lien Ribeiro. Quadrinhos: Literatura Gráfico-visual. p. 1-10, agosto 2001. Disponível em <http://www.eca.usp.br>. Acesso em: 20/10/2018.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.
- CHACON, Beatriz da Costa Pan. Mulher-Maravilha: Estudo sobre a representação da mulher e do feminino nas histórias em quadrinhos. XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.
- CUNHA, Jaqueline. Representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, Catalão.
- EUGÊNIO, Jéssica Daminelli. Elas fazem HQ! Mulheres brasileiras no campo das histórias em quadrinhos independentes. 2017. 144 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARINO, Dani; MACHADO, Lalunã. Mulheres e quadrinhos, 2019.
- MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. Trad. João Luiz Vieira. In: XAVIER, I. A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, 437-454.
- NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. As mulheres e a II Guerra Mundial: as heroínas e super-heroínas dos quadrinhos e a luta pela liberdade. Congresso Internacional das Faculdades EST, 2, São Leopoldo, 2014.
- NUNES, Heloísa Mara Santos. Mulher maravilha: as Amazonas do século XXI. Belém. 2012.
- RAHDE, Maria Beatriz. Origens e evolução da história em quadrinhos. Revista Famecos, nº 5. Porto Alegre: 1996.
- SAFFIOTI, Heleith. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUZA, Artur Brasiliense de. Redesign do uniforme da Mulher Maravilha. 2017. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Sul de Santa Catarina,



EDIÇÃO Nº 22 DE AGOSTO DE 2023
ARTIGO RECEBIDO ATE 24/06/23
ARTIGO APROVADO ATE 30/07/23

Florianópolis, 2017.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

XAVIER, Gláyci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. Revista Eletrônica Darandina. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora: 2019.